

SEQUENCIANDO FUNDAMENTOS TÁTICOS DO GOALBALL PARA PROFESSORES-TÉCNICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA:

OS SISTEMAS DE DEFESA

DAILTON FREITAS DO NASCIMENTO

Professor do Instituto de Cegos da Paraíba e da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa/PB
Ex-técnico nacional da seleção masculina de Goalball

DR. WAGNER XAVIER DE CAMARGO

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina
Ex-coordenador nacional de Goalball do Comitê Paralímpico Brasileiro

Resumo | Após um esforço de sistematização e agrupamento, este artigo traz, de modo ilustrativo e didático, um sequenciamento dos fundamentos táticos do goalball, esporte paralímpico de atletas com deficiências visuais. A intenção é oferecer subsídios mais aprofundados a professores (ou técnicos) de Educação Física Adaptada, que trabalham com tal esporte no cotidiano dos clubes, de associações esportivas, ou mesmo de escolas, que almejam maior incremento de seus conhecimentos específicos. Este texto, portanto, detalha apenas o sistema de defesa, suas configurações e potencialidades aos/às jogadores/as e equipes de goalball, com vistas ao incremento das possibilidades de *performance*.

Palavras-chave | Goalball; fundamentos táticos; sistemas de defesa; incremento da *performance*

1. INTRODUÇÃO

Destacamos, em uma primeira parte deste trabalho¹, a importância da aprendizagem dos fundamentos técnicos do goalball por parte do/a

-
1. Preocupados com os primeiros passos para o desenvolvimento do goalball como prática escolar e esportiva inclusiva, escrevemos “Decodificando o Goalball para professores-técnicos de Educação Física Adaptada: fundamentos técnicos”, publicado na Revista Cadernos de Formação RBCE, v. 3, n. 1, 2012, p. 57-74.

praticante com deficiência visual, com vistas a um melhor entendimento deste esporte paralímpico². Os posicionamentos em quadra, as funções de cada posição (alas direita/esquerda e pivô ou central), as técnicas de defesa e as de ataque são elementos básicos para, minimamente, dar caráter específico ao jogo. Para tanto, escrevemos com o objetivo de atingir o público dos professores de escolas públicas (ou particulares), que se utilizam do goalball como conteúdo integrante de suas possibilidades (educativas, recreativas, inclusivas) educacionais.

Este texto, porém, tem caráter similar, mas não semelhante. Continuamos focando o profissional de Educação Física Adaptada, principalmente os/as que elegeram tal modalidade esportiva há certo tempo. Chamamos a atenção para o fato que os fundamentos táticos apenas serão melhor executados por praticantes (estudantes ou atletas), que tenham tido uma ampla vivência anterior e que experimentaram repetidas vezes os fundamentos técnicos. O conhecimento das posições e das funções, o estabelecimento de uma comunicação interna (da equipe) em quadra, a eleição de melhores técnicas de defesa e ataque são pré-requisitos básicos para o próximo nível: o alargamento do entendimento sobre o próprio jogo e das possibilidades que ele próprio cria ao se desenrolar.

Por isso, o que pretendemos aqui é o detalhamento dos sistemas de posicionamento tático, com foco nas estratégias de defesa. Continuando a proposta anterior mencionada, trazemos um texto simples de ser acessado e que pretende atingir aos profissionais envolvidos com o goalball, esporte em franco desenvolvimento no país. E torcemos para que nosso(s) texto(s) chegue(m) mais longe, influenciando e estimulando outros/as profissionais a abrirem novas frentes de trabalho e pesquisa com/sobre a modalidade.

2. Recente termo adotado em língua portuguesa no Brasil, único país dentre os lusófonos que ainda utilizava “esporte paraolímpico”. A alteração veio a partir do segmento social de pessoas com deficiência, através do órgão máximo do esporte para esta população, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) – outrora “Comitê Paraolímpico”. Segundo o site LANCE (2012), o International Paralympic Committee (IPC) já havia sugerido a mudança de nomenclatura, mas ela só se concretizou em novembro de 2011, após comunicação oficial do Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016.

O artigo apresenta, a seguir, várias sequencias ilustrativas, com alta riqueza visual, recurso que nos ajudou sobremaneira ao longo do desenvolvimento de nossa prática profissional junto aos eventos esportivos e que cremos serão de muita valia para àqueles/as professores/as-técnicos/as (ou técnicos/as-professores/as), que se aventurarem a incrementar a prática esportiva goalballística de seus/suas estudantes.³

2. TÁTICAS: INCREMENTANDO A MODALIDADE E SUAS POSSIBILIDADES

As táticas são modos de compreender a dinâmica de dado sistema em jogo e a capacidade de organizá-los de outra forma, pensando e repensando os “sistemas de posicionamentos”. Isso inevitavelmente leva a(s) equipe(s) a definirem/redefinirem estratégias de defesa e de ataque, mediante contingências (placar empatado, derrota anunciada ou possibilidade de vitória). Com elas, a(s) equipe(s) podem criar artimanhas para driblarem os/as adversários/as, produzindo jogadas de efeito ou mesmo jogadas combinadas. Tais recursos não apenas aumentam a excitabilidade da partida, como estimulam os/as próprios/as estudantes/jogadores/as de goalball — sejam eles/as pessoas com deficiência visual ou não⁴.

Como já foi salientada anteriormente, a aplicação das técnicas corretas de defesa pelos/pelas jogadores/jogadoras poderá definir um resultado, e se este importante fundamento for executado por todos/as os/as integrantes da equipe de forma harmônica, organizada e consciente, com objetivos de anular as ações de ataque do adversário, o goalball passará de um simples jogo, no qual a bola “vai e vem”, para um jogo repleto de estratégias, atitudes, sensibilidades e percepções, interessantes e emocionantes para quem está jogando e para quem está assistindo.

3. Gostaríamos de agradecer, uma vez mais, o trabalho desenvolvido de Valério da Silva Pinto com respeito às ilustrações aqui presentes.

4. Vale destacar àquilo que vimos defendendo até agora: o goalball é uma modalidade paralímpica, mas que em momento algum nega, ou tem negado, sua potencialidade de esporte inclusivo entre deficientes e não deficientes. Aliás, em inúmeras outras ocasiões e em várias partes do Brasil, foram narradas experiências de aplicação de seu conteúdo pedagógico em classes mistas, de norte a sul do país.

2.1. SISTEMAS DE DEFESA

A aplicação de cada tipo de defesa no jogo está ligada diretamente a forma de atacar da equipe adversária. A partir disso, mostraremos alguns sistemas de defesa, suas principais características e as aplicações táticas de cada uma delas. Dessa forma, existem dois tipos de sistemas defensivos: *defesas fixas* e *defesas móveis*.

2.1.1. DEFESAS FIXAS

São aquelas definidas pela fixação dos membros da equipe, nas suas respectivas posições, no momento da formação e execução da defesa. Alguns tipos de sistemas de defesas fixas são:

- Defesa fixa simples
- Defesa fixa fechada
- Defesa fixa aberta
- Defesa fixa com pivô recuado
- Defesa fixa avançada fechada
- Defesa fixa avançada aberta

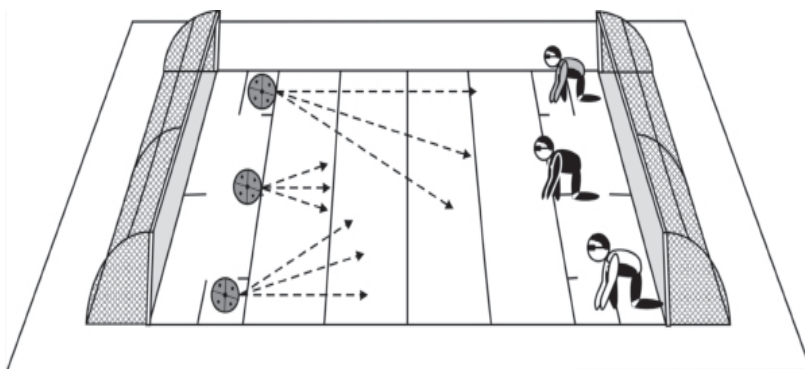
A seguir comentaremos e ilustraremos cada um dos subtipos mencionados anteriormente. Para facilitar o entendimento, leia as considerações gerais apresentadas em cada item e observe, simultaneamente, a(s) ilustração(ões) correspondentes. Com a preocupação de fornecer detalhes sumarizados, optamos por três categorias explicativas: a “descrição”, as “características” e a “aplicação tática”.

2.1.1.1. DEFESA FIXA SIMPLES

- Descrição: jogador/a pivô (ou central) centralizado/a e alas posicionados/as no meio de suas respectivas linhas.
- Características: é uma defesa de fácil posicionamento, tornando-se um sistema ideal para jogadores/as e equipes iniciantes.

Todas as formações de defesa móveis têm origem na defesa fixa simples. Portanto, se “bem ensinada” e “bem aprendida” pode ser o segredo que diferencie uma equipe de outra.

- Aplicação tática: geralmente é aplicada contra equipes que não possuam um bom potencial de ataque ou com equipes que atacam com frequência nas áreas de defesa dos/as alas.

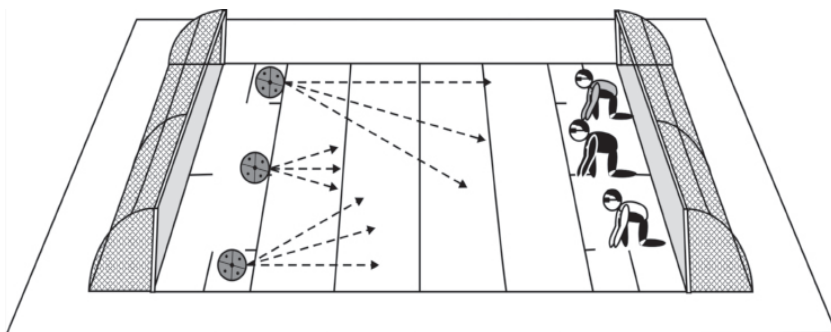


Legenda: -----> Trajetória da bola arremessada

Figura 1

2.1.1.2. DEFESA FIXA FECHADA

- Descrição: pivô centralizado/a e alas posicionados/as na parte final interna das suas respectivas linhas.
- Características: é uma defesa também de fácil posicionamento e poderá ser importante exercício educativo para treinar defesas móveis. Neste sistema os/as alas deverão estar atentos/as às bolas paralelas laterais arremessadas pelos/as adversários/as, e darão suporte (auxílio) nas ações defensivas do/a pivô, visto que um grande percentual das bolas atacadas no jogo de goalball é direcionado ao centro da área de equipe.
- Aplicação tática: é utilizada contra equipes que atacam com maior incidência no centro da área de equipe.

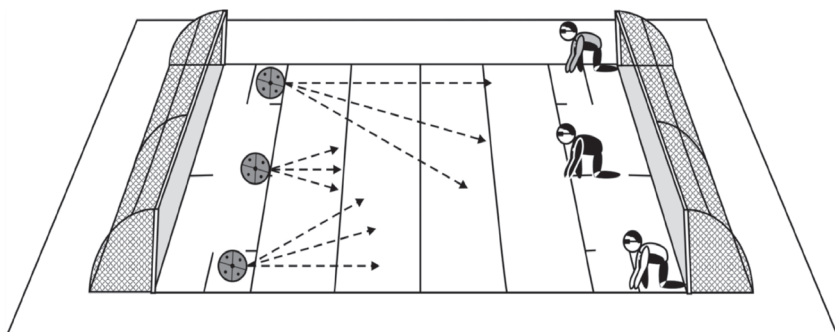


Legenda: -----à Trajetória da bola arremessada

Figura 2

2.1.1.3. DEFESA FIXA ABERTA

- Descrição: pivô centralizado/a e alas posicionados/as no encontro de suas linhas demarcatórias com suas linhas laterais.
- Características: é uma defesa que sobrecarrega as ações defensivas do/a pivô, devendo o/a mesmo/a estar bem condicionado/a física e tecnicamente. Devido à distância entre os/as jogadores/as da equipe, o risco de choques é pequeno. É o sistema que mais expõe a área central da defesa e sua vulnerabilidade em relação à equipe adversária. Por isso, certifique-se de que o/a pivô esteja “em dia” com o treinamento técnico e físico.
- Aplicação tática: utiliza-se tal sistema contra equipes que atacam com perfeição bolas paralelas laterais.



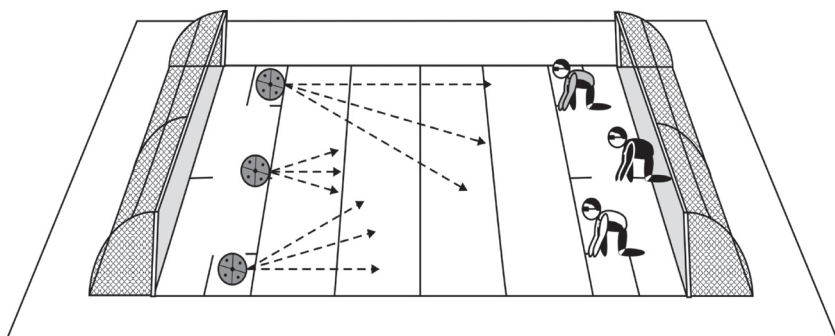
Legenda: -----à Trajetória da bola arremessada

Figura 3

2.1.1.4. DEFESA FIXA COM PIVÔ RECUADO

- Descrição: pivô centralizado/a na marcação central da linha do gol e os/as alas posicionados/as sobre as respectivas marcações de 15 centímetros que se encontram na linha frontal da área de equipe e na frente das linhas dos/as alas⁵.
- Características: é uma defesa em que todos/as os/as jogadores/as devem apresentar excelentes condições técnicas, físicas e de orientação espacial, bem como grandes recursos defensivos, pois é um sistema que não permite erros, particularmente contra bolas arremessadas em diagonais.
- Aplicação tática: deve ser utilizada quando a equipe quer se tornar extremamente ofensiva, passando a jogar com três atacantes, partindo em busca de um melhor resultado.

5. Aqui devem ser lembradas as marcações da área de equipe (itens 1.3 e 1.6, Goalball Rules, 2010-2013).

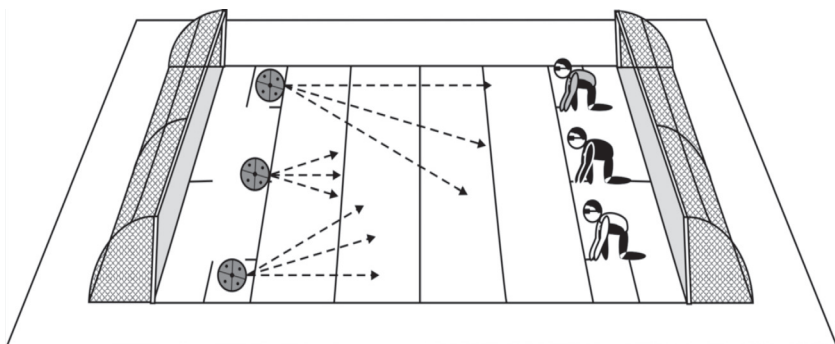


Legenda: -----à Trajetória da bola arremessada

Figura 4

2.1.1.5. DEFESA FIXA AVANÇADA FECHADA

- Descrição: pivô centralizado/a sobre sua marcação frontal (ou seja, sobre a linha de 50 cm que está perpendicular à linha frontal da área de equipe) e os/as alas posicionados/as sobre suas respectivas marcações de 15 centímetros, também perpendiculares à linha frontal.
- Características: essa defesa é mais complexa pelo grau de proximidade dos/as jogadores/as. Os/As alas devem deslizar ligeiramente para trás nas bolas de meio e o/a pivô deslizaria sempre em cima de sua linha. É necessário que essa defesa esteja bem treinada para sua execução e os/as jogadores precisam estar bem sincronizados/as, possuir um excelente nível físico, técnico, de orientação espacial e temporal, pois o erro individual pode ser a grande desvantagem nesse tipo de sistema defensivo.
- Aplicação tática: assim como a “defesa fixa fechada” e a “defesa avançada”, esta defesa aplica-se contra equipes que arremessam bolas, em grande proporção, no ponto central da área de equipe, isto é, sobre a posição de centro do/a pivô.

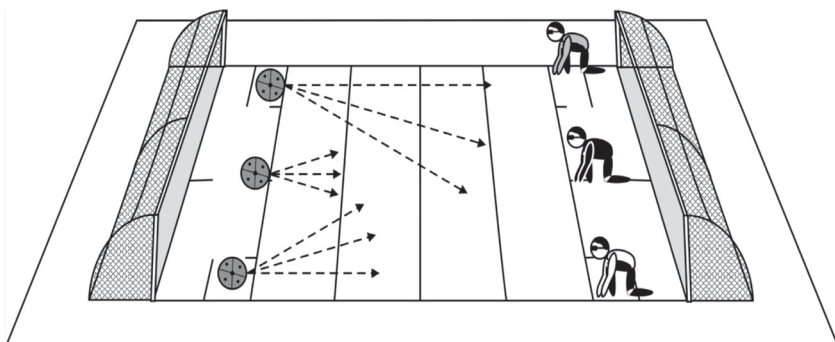


Legenda: -----à Trajetória da bola arremessada

Figura 5

2.1.1.6. DEFESA FIXA AVANÇADA ABERTA

- Descrição: pivô centralizado/a sob sua marcação frontal e os/as alas posicionados/as entre a linha de frente da área de equipe e suas respectivas linhas, e próximos às linhas laterais.
- Características: é um esquema tático de defesa em que a região central da quadra está muito descoberta, aumentando as responsabilidades defensivas do/a pivô. Os/As alas deverão deslizar ligeiramente para trás, evitando o contato físico com o/a jogador/a central.
- Aplicação tática: poucas equipes se utilizam desse tipo de esquema, visto que o mesmo seria mais bem aplicado contra times que atacam frequentemente bolas paralelas nas laterais.



Legenda: -----à Trajetória da bola arremessada

Figura 6

2.1.2. DEFESAS MÓVEIS

São aquelas definidas pelos movimentos sincronizados e harmônicos dos membros de uma equipe, no momento da definição e execução de qual defesa será utilizada. São apenas dois os sistemas de defesas móveis:

Defesa móvel diagonal frente

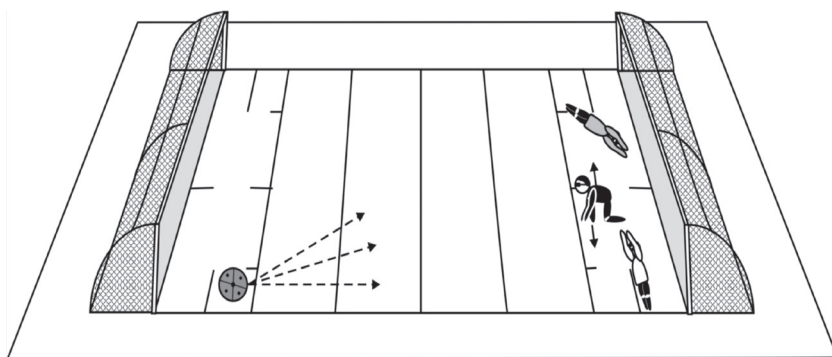
Defesa móvel diagonal atrás

2.1.2.1. DEFESA MÓVEL DIAGONAL FRENTE

- Descrição: pivô descentralizado/a para a esquerda, ala direito/a sobre a marcação dos 15 centímetros voltado para a diagonal, e o/a ala esquerdo/a posicionado/a próximo a linha lateral esquerda e sobre sua própria linha. No ataque adversário realizado no lado esquerdo, a defesa posiciona-se de forma contrária.
- Características: nesta defesa os/as alas não deslizam lateralmente e os movimentos entre os/as jogadores/as devem apresentar harmonia. A defesa inicia-se na certeza da posição de lançamento da bola da equipe adversária, uma vez que nesse momento os/as

jogadores/as buscam o posicionamento defensivo, preparando-se para realizar o movimento final.

- Aplicação tática: é um esquema ideal para ser aplicado contra equipes em que os/as jogadores/as têm poucas movimentações no ataque, ou seja, atacam sempre os mesmos pontos na equipe adversária.

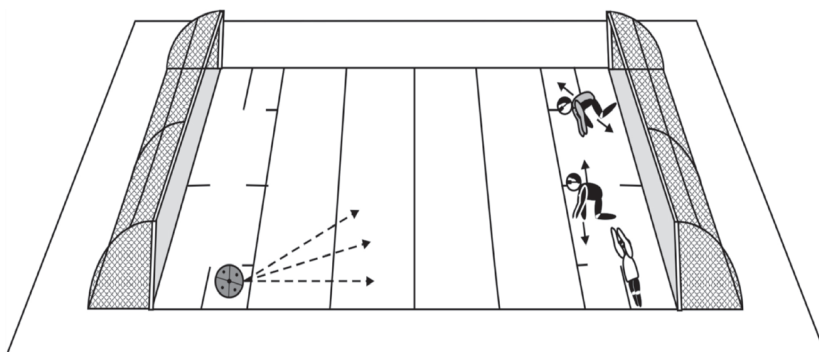


Legenda: -----a Trajetória da bola arremessada

Figura 7

2.1.2.2. DEFESA MÓVEL DIAGONAL ATRÁS

- Descrição: pivô descentralizado/a à esquerda, ala direito/a posicionado/a na parte final interna de sua linha, voltado/a para a diagonal, e o/a ala esquerdo/a posicionado/a próximo à linha lateral esquerda e sobre sua própria linha. No ataque adversário realizado no lado esquerdo, a defesa posiciona-se de forma contrária.
- Características: este esquema segue o mesmo modelo já descrito na “defesa móvel diagonal frente”. A diferença está nos deslocamentos laterais e o não avanço do/a ala que marca a diagonal.
- Aplicação tática: tem as mesmas aplicações táticas da “defesa móvel diagonal frente”.



Legenda: -----a Trajetória da bola arremessada

Figura 8

2.2. PASSE

O ato de passar a bola de um/a jogador/a a outro/a é uma situação muito importante em jogos de goalball e elemento essencial da defesa e da continuidade da partida. Este fundamento, quando aplicado adequadamente, permite que as equipes elaborem diversas ações ofensivas com maior segurança, dentro do tempo em segundos para o arremesso, prescritos em regra. Por isso, resolvemos evocá-lo aqui, num momento-chave de transição entre os sistemas de defesa e de ataque.

O passe adequado garante ainda a continuidade do jogo e elimina os riscos de perda de posse da bola, ou de realização de gols contra. Nesse sentido, vale destacar que tal fundamento deve estar inserido nos programas de treinamentos e o/a técnico/a precisa chamar a atenção dos/as jogadores/as em relação à sua adequada execução. Quanto mais houver repetição dos variados tipos de passe nos treinos, melhor serão executados pela equipe nos momentos de competição, principalmente em situações de máxima tensão (como penalidades, fim de partidas, etc.).

Gostaríamos, portanto, de discutir alguns tipos básicos de passe realizados pelas equipes e que foram identificados por nós durante nossas observações sistemáticas em treinamentos e competições, nacionais e internacionais. A forma que consideramos “adequada” deste fundamento

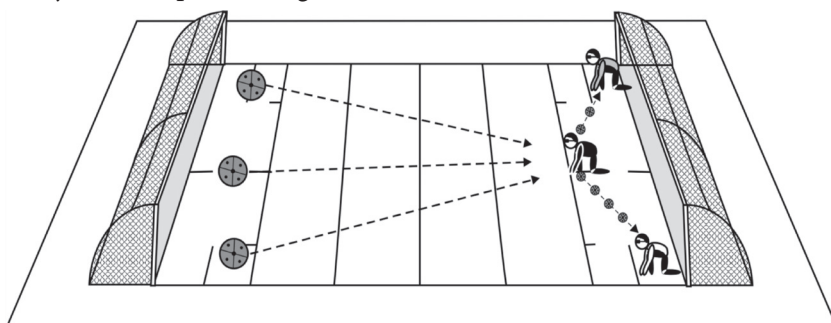
caracteriza-se pelo lançamento e recepção da bola de um/a jogador/a ao/à outro/a, de modo seguro e eficaz, sendo necessário haver uma sincronia entre quem lança e quem recebe. O treinamento repetitivo e constante dos passes é a garantia de que tal ação seja, de fato, executada com propriedade.

Há três tipos básicos de passe, explicados a seguir:

2.2.1. **Passe “mão-a-mão”**: é o movimento realizado em sincronia entre quem recebe a bola e quem irá lançá-la logo em seguida, sendo a transposição do objeto (bola) feita via mãos. Esse passe é o mais “seguro” de todos e muito utilizado por jogadores/as iniciantes. Perceberemos que o tipo de passe é diretamente proporcional ao domínio espacial. Ou seja, quanto menor é o domínio espacial dos/as jogadores/as, maior é a insegurança e, portanto, menos complexo é o passe. Passes mais arrojados denotam domínios espaciais de maior envergadura.

2.2.2. **Passe “entre posições”**: é o movimento realizado de uma posição em quadra à outra. Geralmente ocorre entre alas (direita-esquerda) ou entre pivô e alas. Podemos visualizar tal passe em três situações distintas:

a) Após a defesa e o domínio da bola pelo/a pivô, o/a mesmo executa o passe para quaisquer um/a dos/as alas (direita ou esquerda). Acompanhe a trajetória do passe na figura 9:



Legenda:

●-●-●-●-●-▶ Trajetória do passe

Figura 9

b) Após a defesa e o domínio da bola, ou com o recebimento da bola a partir do juiz de linha da esquerda, o/a ala esquerdo/a executa o passe para o/a pivô ou para o/a ala direito/a. Tal movimento é feito, em geral, chamando-se a atenção (verbalmente e por códigos) do/a jogador/a que receberá a bola⁶:

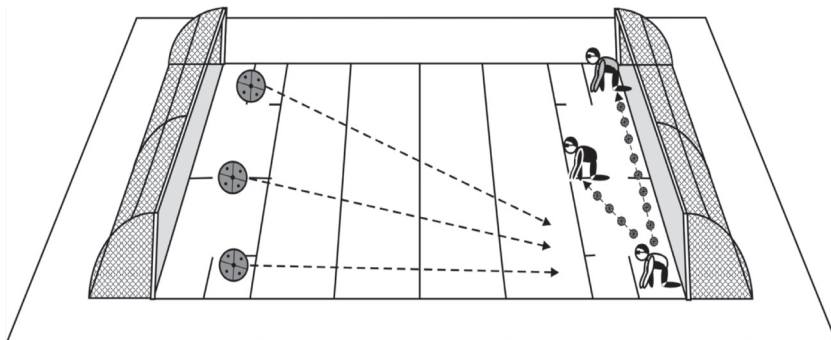


Figura 10

c) Após a defesa e o domínio da bola, ou com o recebimento da bola a partir do juiz de linha da direita, o/a ala direito/a executa o passe para o/a pivô ou para o/a ala esquerdo/a. Tal movimento é feito da mesma forma descrita anteriormente, isto é, com a comunicação entre membros da equipe.

6. Mais adiante veremos que tal passe pode também ser executado via aérea, carecendo, portanto, de maior treinabilidade e domínio espacial.

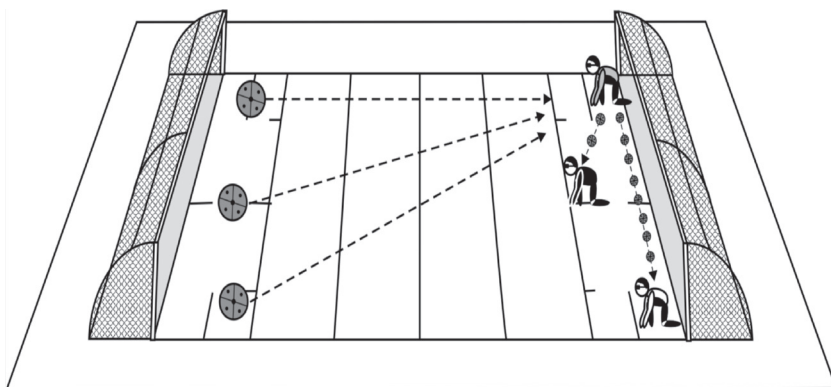


Figura 11

2.2.3. Passe aéreo entre alas (e por cima do pivô): de maior sofisticação e plasticidade, esse passe é raramente executado e é identificado, em geral, em torneios de alto nível técnico, como Campeonatos Europeus e Jogos Paralímpicos. Ele apareceu em fins dos anos 1980, entre as equipes masculinas de jogadores B2 e B3, classificações visuais que permitem movimentos mais precisos, baseados em maior acuidade e amplitude de campo visual⁷. No Brasil, onde há um predomínio de atletas cegos/cegas totais (B1), tal passe precisa ser muito bem treinado, com vistas a otimizar seus resultados. Um erro comum e frequente em equipes iniciantes, pouco treinadas e mesmo em times femininos é o gol contra em decorrência da má execução deste passe, uma vez que a bola bate na cabeça (ou nas costas) do/a pivô (ou mesmo em outras partes do corpo de outros/as atletas não atentos/as) e rola para dentro das dimensões do próprio gol. Por isso, sugerimos que o “passe aéreo” seja exaustivamente treinado e usado em momentos-chave de uma partida.

7. É importante frisar que os/as atletas jogam vendados (exigência regulamentar para buscar equidade entre todos/as), mas os/as de classificação visual B2 e B3, quando em treinamento, utilizam-se de resquíços visuais para se locomoverem e assimilarem melhor as marcações da quadra. Sobre as classificações oftálmicas esportivas, consultar: Comité Olímpico Español (1994) e Amarin et al. (2010).

CONCLUSÃO

Nosso objetivo foi sequenciar, de modo simples e ilustrativo, os sistemas de posicionamento tático com ênfase nas estratégias de defesa, que podem ser desenvolvidas e aplicadas por uma equipe de goalball de qualquer nível técnico.

O que trouxemos aqui é produto de nosso trabalho cotidiano com a modalidade e resultado de aglutinação e sistematização de informações colhidas em Torneios e Campeonatos Mundiais, Paralímpicos, Europeus, Norte-americanos, Asiáticos e Latino-americanos, observados durante quase vinte anos de prática com o esporte paralímpico de alto nível.

Enfatizamos que o mérito da aplicação de tais recursos não depende apenas dos/as jogadores/as, mas é de responsabilidade da equipe técnica (compreendida pela junção dos/as profissionais envolvidos com a disponibilização da informação específica e com o treinamento esportivo do grupo). E, além disso, também não basta apenas a informação sem garantir a entrenabilidade individual e grupal. As complexas formações dos sistemas de defesa (e também de ataque) devem ser treinadas e repetidas dia após dia, treino após treino, e aplicadas de competições em competições. Somente assim haverá garantia de apreensão dos pressupostos e decodificação deles em movimentos bem sucedidos.

Nossa intenção foi a de oferecer, passo a passo, uma sistemática para técnicos-professores de goalball de clubes e escolas (e/ou também de associações de deficientes), a fim de que tenham subsídios de estruturar um trabalho mais elaborado e detalhado com praticantes deficientes visuais da modalidade em questão. Desejamos que o conteúdo explanado e detalhado neste artigo possa contribuir para o incremento da *performance* atlética no goalball e, mais do que isso, com a disseminação do conhecimento específico, que acreditamos não possa ficar nas mãos e sob domínios de poucos, mas sim deve servir a ampla maioria.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Minerva et al. Goalball: uma modalidade desportiva de competição. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto** [online]. 2010, vol.10, n.1, pp. 221-229. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-05232010000100011&script=sci_abstract>, acesso em 01 ago 2012.

COMITÉ OLÍMPICO ESPAÑOL. **Deportes para Minusválidos físicos, psíquicos y sensoriales**. Madrid: Comité Olímpico Español, 1994.

Goalball Rules 2010-2013. **International Blind Sports Federation (IBSA)**. Disponível em <<http://www.ibsa.es/eng/deportes/goalball/IBSA-Goalball-Rules-2010-2013.pdf>>, acesso em 15 fev. 2012.

NASCIMENTO, Dailton Freitas; CAMARGO, Wagner Xavier. Decodificando o Goalball para professores-técnicos de Educação Física Adaptada: fundamentos técnicos. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 3, n. 1, 2012. p. 57-74.

Recebido: 15 fevereiro 2012

Aprovado: 23 agosto 2012

Endereço para correspondência:

Wagner Xavier Camargo

Rua Otávio Machado, 72, apto. 11

Taquaral

Campinas - SP

CEP: 13076-160

wxcamargo@gmail.com